

A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

A primeira obra de Torga intitulava-se *Ansiedade* e foi publicada em 1928¹ - quando ainda não existia, de facto, "Miguel Torga". Dessa obra, o autor resgatou apenas um verso. Esse verso é suficientemente breve e enigmático para que o lembremos aqui: "Sinto o medo do avesso".²

Na obra poética de Torga, deliberadamente iniciada por este verso ambíguo, será a esperança uma categoria observável? Será ela, a esperança, este *avesso do medo*? Sartre, que Torga leu, dirá, vinte anos mais tarde: "a vida dos homens começa para além do desespero".³ E Georges Bernanos, outra das leituras do poeta, explicaria também, trinta anos depois: "A mais elevada forma de esperança é o desespero superado. (...). Para encontrar a esperança é necessário ir além do desespero. Quando chegamos ao fim da noite, encontramos a aurora".⁴

A dialéctica da noite e da alvorada constitui, em Torga, uma estrutura metafórica de base, talvez o suporte da sua mundividência. Em traços muito largos, talvez a sua obra possa ser definida justamente pelo trânsito esses dois momentos extremos. A questão está em determinar o sentido desse trânsito. Se o verso que começámos por citar, do poema "Ignoto", publicado quando o poeta tinha 21 anos, como que o curto-circuita - toda a obra de lírica de Torga representa, múltipla e infatigavelmente, esse trajecto entre o negrume e a luz. Em 1966, define a vida como

¹ A obra *Ansiedade* é, aparentemente, impossível de encontrar. A edição das *Obras Completas* de Miguel Torga, do Círculo de Leitores, que nos servirá aqui de referência, cita apenas o verso aqui transcrito, tal como a *Antologia Poética*, preparada e editada pelo próprio autor.

² Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), p. 23.

³ Jean-Paul Sartre, *As Moscas* (Lisboa: Presença, 1986), p. 169.

⁴ Georges Bernanos, *Liberté Pour Quoi Faire?*.

http://www.pensador.info/autor/Georges_Bernanos/.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

uma "Curva inútil, traçada/ De negrura a negrura:/ o ventre e a sepultura";⁵ e, em 1974, resume, elípticamente, a sua vida a uma "curva trajectória" de flecha apontada ao alvo da morte.⁶ Uma morte que, noutra poema da mesma época, diz esperar, inexoravelmente, como um cais, o navio da sua vida, numa viagem absurda, literalmente *sem sentido* e a que falta, sobretudo, "a fé das almas confiadas".⁷⁸

A questão fundamental é, afinal, esta: pode haver esperança sem essa fé ou sem essa confiança? Pode haver esperança sem crença de redenção por uma qualquer transcendência, capaz de transformar a negrura da morte na luz eterna da vida? É a de Torga, proclamadamente ateu, uma poética da esperança – uma esperança de quem "sabe que nunca ressuscita"?⁹

Bem pode o autor confessar a sua "religiosidade atávica", a par da "tristeza agnóstica que faz da vida uma agónica aventura sem esperança de ressurreição".¹⁰ Será em vão. A esperança não parece pensável fora de uma escatologia. A questão da morte da pessoa e da imortalidade pessoal, resume Anselmo Borges, não encontra aparentemente solução na pura relação de imanência de Homem-história-pessoa. Reconhece o marxista Ernst Bloch, ele próprio autor de uma filosofia da esperança: "A goela da putrefação devora toda a teleologia".¹¹ Ou seja: parece não haver esperança ateia, sem uma escatologia ou um Deus.

E, no entanto, o desígnio e a representação da esperança impregnam os versos de Torga, tal como o fazem as da morte e da noite. Se "o medo do avesso" é o

⁵ Miguel Torga "Chicote", *Obra Completa. Poesia Completa II* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), p. 761.

⁶ *Id.*, "Flecha" (ed. cit.), pp. 808-809.

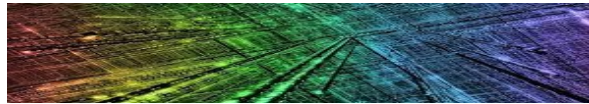
⁷ *Id.*, "Relato" (ed. cit.), p. 799.

⁸ Em sentido inverso, esperançoso, veja-se por exemplo o poema "Silvo", de 1962 (ed. cit.), pp. 684-685.

⁹ *Id.*, (ed. cit.), p. 841.

¹⁰ Miguel Torga, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), p. 1281.

¹¹ cf. Anselmo Borges, "Ernst Bloch: A Esperança Ateia contra a Morte", *Revista Filosófica de Coimbra* nº 4. Vol.2 (Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, 1993), p. 426.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

primeiro verso da obra que Torga reconheceu como sua, o 2º poema é a "Balada da Morgue".¹² Entre ambos, cabe toda a obra.

Nessa obra, assinalou Eduardo Lourenço a presença palpável do desespero, e o voto ou o apelo da Esperança, concluindo: "É difícil dizer se na poesia de Torga a Esperança é mais irreduzível do que o Desespero, mas a maior parte das vezes é a indecisão entre uma e outra a própria matéria do poema. De certo modo uma decisão cabe também ao leitor".¹³ Respondamos, pois, ao desafio.

"Ave da esperança"¹⁴, "criatura da esperança"¹⁵, "sinaleiro da esperança"¹⁶ se proclamou até ao fim o poeta. Um artigo de M^a da Conceição Cabrita recupera justamente o segundo destes epítetos.¹⁷ E, de facto, a obra de Miguel Torga ergue, paradigmaticamente, um humanismo racionalista, telúrico e feliz, reivindicando como "essência do homem" a sua realidade *natural* e mesmo "naturalista".¹⁸

Emergindo do "avesso do medo", produto da escolha do seu nome autoral e, com ele, de todo um programa poético, aquilo que Eduardo Lourenço chamou há alguns anos o *mito-Torga* é designado pelo próprio poeta como "lirismo da terra e da rabiça".¹⁹ Esse, para o ensaísta, será o Torga menos consistente, mas o mais visível, inegavelmente forte e grande.²⁰ Tratar-se-á, como quis Eduardo Lourenço, de um mito patente e ostensivo, que não chega a ocultar, todavia, um outro Torga, mais

¹² *De Rampa* (1930). Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 27.

¹³ Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, (Lisboa: Relógio d'Água, 1987), p. 92.

¹⁴ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 483.

¹⁵ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes IX a XII) (ed. cit.), p. 1224.

¹⁶ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI), (ed. cit.), p. 1251.

¹⁷ Maria da Conceição Cabrita, "Miguel Torga: "Uma criatura de esperança", Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. *Revista Eletrónica*, São Paulo, ano 2, nº 4 (2008), pp. 278-300. Disponível em <http://www.acoalfaplp.org>. Publicado em Março 2008. Constitui um dos escassos textos dedicados a este tema, tratando-o à luz da representação dos valores humanistas em Bichos, O Sexto dia da Criação do Mundo e Diário XII.

¹⁸ Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 101 e 132.

¹⁹ Cf. Miguel Torga, "Têmpera", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 527.

²⁰ Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, 101.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

latente e confuso? Afinal, não se pronuncia o poeta, logo no poema "Princípio", de *Penas do Purgatório*, contra os deuses, mas também contra a vida vegetativa (a do "descanso na vide da ramada"), acabando por concluir, desalentado: "A paz possível é não ter nenhuma"²¹ E não lamenta ele, poeta lavrador, que só colha tristezas e dele só brote o joio da angústia, quando tão cuidadosamente semeou e mondou a esperança?²²

Haverá, então, mesmo que menos portentoso, um Torga oculto e desesperado, um *outro Torga*, como defendeu Eduardo Lourenço em 1994? Este texto do ensaísta completa e reitera, na verdade, o outro que, escrito 40 anos antes, já citámos aqui²³ e que constitui um dos melhores ensaios da crítica torguiana (embora tenha sido, como nota o autor, um texto bastante mal compreendido na sua época).

Nesse ensaio, Eduardo Lourenço reconhecia, na obra de Torga, a presença de uma face positiva e com mais receptividade dos leitores: a de um humanismo ostensivo, o da afirmação do "homem natural", determinado em confinar a realidade humana unicamente no Homem e na sua aventura cósmica.²⁴ Mas, paralelos a essa face solar, o crítico apontava os dois grandes temas noturnos da poética de Torga: aquele que designou como o da "experiência de Deus como dúvida"; e aquele que identificou com o da "desesperadora experiência do contingente".²⁵ E sublinhava, como fundamental e último, o seu "desespero de raiz

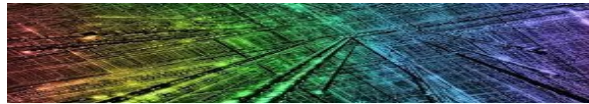
²¹ Cf. Miguel Torga, "Princípio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 479.

²² Id., "Lavoura". 496. V. também "Vessada", *id.* p. 492.

²³ Cf. Eduardo Lourenço, *O desespero humanista de Torga e o das novas gerações* (Coimbra: Coimbra Editora, 1955). Este ensaio foi também posteriormente publicado em 1987 em *Tempo e Poesia* (ed. cit.). O autor referia-se sobretudo, nesse ensaio, a *Penas do Purgatório*, saído no ano anterior (1954); mas as duas décadas de publicação que a obra de Miguel Torga já contava – obra em que se perfilavam 6 volumes do *Diário*, *O Outro Livro de Job*, *Lamentação*, *Libertação*, *Odes*, *Nihil Sibi*, *Cântico do Homem* e *Portugal* – já lhe autorizavam um grau considerável de generalização.

²⁴ Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 101-107.

²⁵ *Id.*, p. 86.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

religiosa",²⁶ sintetizando, em duas fórmulas lapidares, toda a ambiguidade religiosa do poeta: "Torga não acredita, mas desejaria poder acreditar";²⁷ "perdeu a fé da infância mas não a infância da fé".²⁸

Será, como defende Eduardo Lourenço, a perda ou o desencontro com a fé religiosa, a causa da falha, em Torga, da esperança absoluta?²⁹ Poemas tão ostensivamente desesperançados – "Guerra Civil", "Procura", "Negrura", "Câmara Escura", "Emparedamento", "Contrição", "Maceração", "Barreira", "Decisão", "Auto-Retrato", "Apelo", "Perseguição" - dão razão ao crítico e revelam a disseminação de um número relativamente restrito de motivos larvares, que, de poema em poema e de obra em obra, se desdobram, desde o início e até ao final da obra poética de Torga. Assim, nela encontramos dois polos temáticos maiores: (i) a representação da divisão interior ("é contra mim que luto",³⁰ "Perdi-me tanto, que já não me encontro"³¹), por vezes com laivos de duplicidade e traição a si mesmo ("forado/ Dum pano de negrura que desmente/ A nua claridade do outro lado"³²), de violência ("É o meu avesso que me desafia"³³) ou, mais frequentemente, de impotência literária ("corpo terrestre a recusar o ímpeto celeste"³⁴); (ii) a representação de uma zona de negrume ancestral e de ocultação inominável ("Agora sou no mundo esta negrura"³⁵), tingida de culpa e terror ("culpa sem confissão, vergonha oculta").

Não se pense, no entanto, nem por um momento, em qualquer tipo de possibilidade de investigação psicanalítica póstuma: a lucidez e a astúcia do criador não o permitem. No *Diário*, Torga reconhece que interpõe conscientes e decorosas

²⁶ *Id.*, p. 96.

²⁷ *Id.*, p. 97.

²⁸ *Id.*, p. 98.

²⁹ *Id.*, p. 104.

³⁰ Cf. Miguel Torga, "Guerra Civil". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 581.

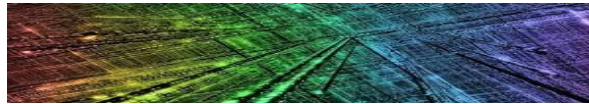
³¹ *Id.*, "Procura", *op. cit.*, p. 605.

³² *Id.*, "Câmara Escura", *op. cit.*, p. 558.

³³ *Id.*, "Emparedamento", *op. cit.*, p. 560.

³⁴ *Id.*, "Maceração", *op. cit.*, p. 499.

³⁵ *Id.*, "Negrume", *op. cit.*, p. 646.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

barreiras à sua catarse, desobrigando-se em confissões frequentes, mas reservando sempre uma parcela ao silêncio; e desafia: "O que eu não disse, nem eu o quero saber".³⁶

O certo é que, desde 1944, a palavra "esperança" deu título a nove poemas. Textos, aliás, singularmente desesperançados. Voltaremos a eles daqui a um pouco. Por agora, notemos apenas que, a avaliar por esses textos, que explicitamente tematizam a esperança, parece que, na lírica de Torga, tal como, por exemplo, em Vergílio Ferreira, não se manifesta uma esperança suficientemente, concludentemente *positivizada*.³⁷ Será assim em toda a obra? Isso é questão por agora adiada.

Questão nunca adiada foi, para Torga, a da morte. A certeza da aniquilação humana transforma a morte na maior anti utopia – na maior inimiga da esperança, que sempre condena ao fracasso final. "Agonizante já desde menino", desde a infância imagina a hora da sua morte.³⁸ Bastas vezes, evoca, tanto na poesia como no diário, esse abismo desde sempre pressentido,³⁹ esse "medo animal, primordial, carnal";⁴⁰ "sinto-me em perigo de vida só pelo facto de existir".⁴¹ Em tom amargamente irónico, interpela directamente a "Ceifeira"⁴² tenebrosa em 1967, invoca a morte em 1990,⁴³ propõe uma delirante ressurreição em "Madrigal para depois", em 1991 – poema que lembra irresistivelmente a "Balada da Morgue", de 1930. Nos poemas do seu último ano, reencontramos esse medo fascinado do fim, que já intuímos nos dois poemas iniciais da sua obra, escritos cinquenta ou sessenta

³⁶ *Id.*, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (ed. cit.), 1281; *Diário*, XIII, p. 1279.

³⁷ José Antunes de Sousa, *A Via Negativa da Esperança em Vergílio Ferreira*.

www.lusosofia.net p. 10.

³⁸ Cf. Miguel Torga, "Viático" e "Resumo". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 854, 894.

³⁹ *Id.*, "Maldição", *op. cit.*, p. 861.

⁴⁰ *Id.*, "Solidão", *op. cit.*, p. 839.

⁴¹ *Id.*, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (ed. cit.), p. 1295.

⁴² *Id.*, "Ceifeira", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 772.

⁴³ *Id.*, "Visita", *op. cit.*, p. 912.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

**ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

anos antes. Fazendo, nos anos finais, mais uma das inúmeras sínteses da sua existência, observa, em "Maceração":

Breves dias da vida.
Aprendi neles apenas a morrer.
Desde a manhã brumosa da partida
A este anoitecer
Sombrio da chegada,
Foi sempre o pesadelo de antever
O desfecho fatal da caminhada.⁴⁴

E, em "Assunção":

Homem,
Nasci magoado,
Morro a gemer.
No intervalo,
Rouxinol noturno
A cantar
Ao luar
O pasmo do princípio
E o terror do fim.⁴⁵

Será, afinal, a morte o mais fundo, o mais visceral, o maior tema de Torga, para além do problema religioso e do desespero, afinal decorrentes desse tema? Penso que sim. O *Outro* inominável de Torga não é Deus, mas o seu simétrico: aquilo que faz do homem, homem - a consciência inelutável da sua finitude. Por sua vez, o terror da morte será agravado pela falta de um Deus-âncora, capaz de responder, com a promessa da redenção, ao desespero de uma figura adâmica, irremediavelmente mortal. O feixe de desesperos torquianos radica na certeza apavorada da morte. As formas tentativas da sua superação vão corresponder, todas

⁴⁴ *Id.*, "Maceração", *op. cit.* p. 875.

⁴⁵ *Id.*, "Assunção", *op. cit.*, p. 916.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

e no essencial, à busca poética de uma imortalidade simbólica.⁴⁶ É o esconjuro da morte que as unifica.

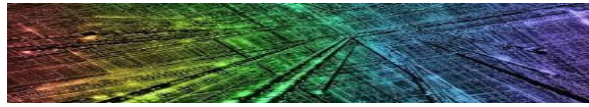
Esta figura humana, mortal e primordial, marcada por uma culpa, ou uma falha (ou uma inocência, ou uma contradição, ou uma multiplicidade...) ontológicas, vai testemunhar, em breve, a adoção de duas *personae* autorais, complementares e concomitantes: uma, absorvida na busca da transcendência, no apelo do Além de si; a outra, encarnando estratégias de reforço e endurecimento viril da identidade, progressivamente identificada com a aspereza e a elementaridade da paisagem pátria.⁴⁷

Por um lado, vai Torga empenhar-se na construção de uma Super-identidade (de matriz romântica), a do Poeta – condição que lhe permite transcender a temporalidade unilinear e unidirecional, que o conduz à morte. Por outro lado, vai o autor fundir tal entidade no sentimento místico da paisagem e nos hinos à vida, substituindo Deus pela transcendência biológica, regida pela temporalidade cíclica e sazonal.

À primeira, podemos dizer que corresponde o nome próprio que adoptou, *Miguel*: o de Unamuno, o de Cervantes e, lembra Eduardo Lourenço, o de Miguel Ângelo, figuras totémicas e tutelares de uma virilidade humana, terrestre, absorvida nas coisas do mundo e na vida dos homens – mas, por seu próprio mérito, imortal. A segunda, a que proponho corresponda o apelido *Torga*, pode, numa leitura ideológica, ser apressadamente definida pelo famoso telurismo ou naturalismo, regresso às coisas em si próprias, mas que se traduz, de facto, no erigir da Natureza

⁴⁶ Ainda que de elaboração um pouco fragmentária ou esquemática, merece aqui referência, pela perspectiva inovadora que propõe, o texto "Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade", de Paula I. Santos e Carla Bastos, em *Veredas* nº 11 (Santiago de Compostela, 2009), pp. 45/57.

⁴⁷ Cf. Ana Luísa Vilela, "Mitos viris na simbólica da paisagem torguiana", Aqui, neste lugar e nesta hora, (ed. cit.), pp. 493-504.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

(e da vida) como forma de transcendência.⁴⁸ Na verdade, a aliança entre o telurismo e a transcendência está muito próxima de uma espécie de erupção do imaginário antropológico e ancestral, respondendo a um apetite mítico colectivo; e é, quanto a mim, essa sintonização arquetípica que explica, por um lado, a extraordinária comunicabilidade do Torga-telúrico e, por outro, a tendência às leituras mitologizantes de Torga. [...]

Lembremos, a título de curiosidade, que, ateu como Torga, o filósofo Ernst Bloch considerava que a escatologia religiosa, em que deixara de crer, teria tido pelo menos o mérito do "fortalecimento do sentimento do valor infinito da alma própria e, conseqüentemente, o fortalecimento da vontade de não deixar-se tratar, já agora, como gado".⁴⁹ Seguindo a mesma ordem de ideias, a valorização do humano em Torga, recordemo-lo, nunca esteve alheia à realidade social e à militância política de raiz talvez marxista.

Seja como for, neste seu duplo movimento de renegação e substituição da divindade, o autor compõe, num nome, uma totalidade poética. A adopção da identidade *Miguel Torga* transforma a dramaturgia Criador/ criatura, ou Deus/ eu, na compatibilização entre duas entidades, duas temporalidades e dois impasses. Tanto a teleologia do Poeta-que-não-Morre quanto a imanência ostensiva da Matéria-Eterna cantam a vitória da vida – ou a *morte da morte*. Tratar-se-á, afinal, da invenção de uma transcendência sem transcendência, tal como a propôs Ernst Bloch?

⁴⁸ Cf. Eduardo Lourenço: "[...] (Miguel Torga) reclama um sentido pleno e positivo recusando toda a instância transcendente diante da qual essa aventura é apenas aleatória e injustificável. Seria apressado concluir que estamos perante uma visão *naturalista* em sentido próprio, pois Torga transfere para a Natureza – a maior parte das vezes mitificada sob a referência à Terra – uma fé, uma função de salvação, análogas às que se reservam a Deus e, por sua vez, Deus converte-se no deus desta Natureza que o nega como puro *espírito*", *Jornal de Letra, Artes e Ideias*, 5-8, Janeiro (2005), p. 7.

⁴⁹ *Apud* Anselmo Borges, *op. cit.*, p. 415.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

De um modo ou de outro, esta manobra de reconversão é a tarefa de toda uma vida.

Como dirá Gilbert Durand sobre os mitos portugueses: tratar-se-á, para o nosso poeta, de converter o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança.⁵⁰ Estas formas de superação da morte representam, em si mesmas, a busca da esperança. É, no fundo, *a esperança da esperança* que as unifica. Vale a pena, creio, determo-nos agora um pouco sobre esse conceito.

Vimos que, em Torga, a obra principia no *avesso do medo*. De facto, o desespero, para Kierkegaard, pode coexistir com uma forma de esperança: é aquela forma de desespero a que o filósofo chama, justamente, "viril": activa, lutadora, auto-criadora.⁵¹ Já percebemos que é assim o desespero de Torga. Já sabemos que a esperança de Torga (como talvez toda a esperança) é uma resposta ao pânico, à percepção aterrorizada da finitude humana; como recorda José Antunes de Sousa, a categoria da esperança é sinal essencial da nossa radicação ontológica e alimenta-se de um estado logocêntrico.⁵² Compreendemos, igualmente, que a de Torga é uma esperança esclarecida, ou "desesperada", uma *docta spes*, uma esperança lúcida. Conta Torga no *Diário XIII*, de 1978:

Pacientemente, tentei explicar-lhe que, muito embora não trouxesse o sol na lapela, era, contudo, um homem de esperança. Só que essa esperança passava pela lucidez, o que significava não ser cúmplice dos meus desejos nem tomar por Junos nuvens que sabia verdadeiras.⁵³

⁵⁰ Cf. Gilbert Durand, *Portugal tesouro oculto da Europa* (Lisboa: Ésquilo, 2008), pp. 25-26.

⁵¹ Cf. "Esperança", *Dicionário de Ética e Filosofia Moral* (S. Leopoldo: Editora da Universidade de Vale dos Sinos, 2003), p. 15.

⁵² José Antunes de Sousa (2004), *op. cit.*

⁵³ Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1259.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Com Heidegger, compreendemos que a própria esperança é, em si, apelo da transcendência, enquanto tensão dinâmica para um *mais além de si*⁵⁴ - enquanto prospectividade, busca do *summum bonum* ou, à maneira profana de Bloch, expectativa da zona em que emergirá um *novum*, um *ainda-não-consciente*. Numa imagem que é recorrente em Torga, identificando-se com a cepa despojada, depois da poda ou da vindima, o poeta sonha a fartura vindoura, seja em tintas de utopia social, seja pela própria persistência do sonho. Confrontem-se os poemas "A vinha podada", de 1944 e "Confiança", de 1950.⁵⁵ Na Natureza, a latência do novo vive como *matéria dos sonhos*. Na cepa decepada ou esbulhada de ilusões, há o mesmo material crístico: a doçura da esperança, metamorfoseante e prospectiva, transcende a derrota e dá um voto de confiança ao tempo. Percebe-se, pois, como a ontologia do *ainda-não-ser* (que pode filiar-se, segundo ainda Bloch,⁵⁶ na "esquerda aristotélica" de Avicena, Averróis e Giordano Bruno) assenta na crença do substrato material do espírito, ele próprio matéria em processo de evolução, *ser-em-possibilidade*. A Natureza é movimento, orientação para o futuro.

Se o desespero radica na negação do futuro (e se traduz, de uma maneira ou de outra, na inércia melancólica, na *acídia* dos antigos, aparentada com o *spleen* dos modernos), a própria energia da inquietação, mesmo que produto do desejo e das suas ilusões, manifesta-se como o motor da esperança, na sua obstinada procura de um *além*. É aquilo que Torga define, em "Ronda", como a "tentação raiana do pensamento": "(...) Do outro lado... Do outro lado... Do outro lado.../ E larga as rédeas a imaginação,/ Num galope furtivo e aventureiro/ Do outro lado há outra inquietação... / Do outro lado nasce o sol primeiro..."⁵⁷

Ímpeto para o que falta, a inquietação em Torga traduz-se, antes do mais, pelo desafio e pela transgressão – um desafio e uma transgressão que generaliza a toda a

⁵⁴ Heidegger, *Être et Temps* (Paris: Gallimard, 1986), 241, *apud* "Esperança", *op. cit.*, p. 2.

⁵⁵ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I*, (ed. cit.), pp. 182, 405.

⁵⁶ Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, 411 e "Esperança", *op. cit.*, p. 11.

⁵⁷ Cf. Miguel Torga, "Ronda". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 678.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Natureza: veja-se "Chuva de Estrelas".⁵⁸ Nesse sentido, aparenta-se a uma *filosofia do Não*, radicando, por obstinação e rancor, na *negação da negação*:

De tanto olhar o sol, queimei os olhos.
De tanto amar a vida, enlouqueci.
Agora sou no mundo esta negrura,
À procura
Da luz e do juízo que perdi.

Cego, tateio em vão a claridade;
Louco, cuspo no rosto da razão;
E deambulo assim
Dentro de mim,
Negação a negar a negação.⁵⁹

E assim, sem razão, luz, aval ou certificação, negando a negrura, a esperança é, em Torga, uma ontologia da errância e da busca. Corresponde a uma espécie de fome básica, de raiz metafísica. "Uma fome incontida de viver" – já que o que "redime a vida/ É ela não caber/ Em nenhuma medida".⁶⁰

Será virtude teologal? Ou será instinto? Torga diria instinto, o que é o mesmo: dom gratuito e irreduzível, constitutivo e fundamental, pré-formante, princípio e motor do ser, confiança básica e primitiva, força dinâmica. As definições podem ser muitas, mas esbarram, desde sempre, na ambiguidade e hibridez da *elpis* grega, mal traduzida na *spes* latina, pulsão em que se misturam a espera e o desejo, a razão e o humor. Platão, no *Filebo*, considerou-a uma "paixão própria da alma".⁶¹ Podemos lembrar-lhe a genealogia, provinda de Hesíodo.⁶² Filha de Nyx, a Noite (ou, em outras versões, filha de Eris, a que roubou a maçã de ouro), juntamente com os

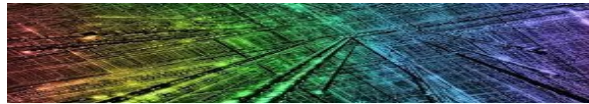
⁵⁸ Cf. id., "Chuva de Estrelas", *ibid.*, p. 507.

⁵⁹ Cf. Miguel Torga, "Negrume", *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 646.

⁶⁰ Cf. id., "Perfil", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI), (ed. cit.), p. 1278.

⁶¹ Paul Shorey, "Hope (Greek and Roman)", *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, vol. 6 (Edimburgo. 1937), p. 780 e segs.

⁶² Hesíodo, *Teogonia*: pp. 212-213; pp. 746-773.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

gémeos Hypnos e Thanatos e mãe da Fama, terá sido o último dos dons divinos que restou no fundo da bolsa de Pandora; foi, pois, o único desses dons que pôde ainda consolar a humanidade. Consolação ou última artimanha dos deuses, a esperança tem, pois, estrutura paradoxal.

Sendo, segundo Bloch, o mais humano de todos os movimentos afectivos,⁶³ a esperança pode, pois, ser definida como uma categoria ontológica, um elemento alógico, um *fundamento sem fundamento*.⁶⁴ Miguel Torga confessa-o, de outro modo: "O mais íntimo dela (da minha natureza recusa-se a aceitar a irrevogabilidade do aniquilamento, a fatalidade da morte. É como se a certeza da eternidade estivesse inscrita no meu código genético".⁶⁵

Trata-se, quanto a mim, de uma noção muito próxima desta de Kafka:

O homem não poderia viver sem uma confiança constante em qualquer coisa de indestrutível em si, contudo tanto o indestrutível como a confiança podem manter-se-lhe constantemente escondidos. Uma das possibilidades de expressão desta existência escondida é a fé num Deus pessoal.⁶⁶

Esse núcleo indestrutível, ponto cego do *cogito*, é alguma coisa de tão visceralmente irreduzível, que pode ser aproximada do básico instinto de conservação; é, afinal, uma *esperança biológica*, orgânica e insensatamente experimentada – tal como a representa Miguel Torga em "Arritmia", um dos seus últimos poemas.⁶⁷

⁶³ Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, p. 410.

⁶⁴ Jakobe Boheme *apud* Anselmo Borges, *ibid.*

⁶⁵ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1250.

⁶⁶ Franz Kafka, "Meditações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho. 50". *Antologia de Páginas Íntimas* (Lisboa: Guimarães Editores, 2002) [3ª ed.], pp. 148-149.

⁶⁷ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 914.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

E, deste modo, "Ave da Esperança",⁶⁸ poema no qual Eduardo Lourenço viu, sobretudo, o avesso da esperança, pode testemunhar realmente de uma "vontade de esperar apesar de tudo",⁶⁹ uma invocação da esperança – uma *esperança da esperança*. A essa luz se podem ler, num arco de cinquenta anos, quase todos os outros poemas a que Torga deu o título de "Esperança". É uma persistência temática incontestável, mesmo sob as formas da denegação ou do apelo.

Podemos, pois, desde já concluir que a obra e o nome Torga servem, talvez acima de tudo, como estratégias de reativação da esperança. Tomar o partido da terra contra o do céu é uma manobra poética e epistemológica que lhe permite ganhar em ambos os tabuleiros: valorizar o contingente e o natural, inscrevendo-os numa estrutura mais lata, transcendente e sempre vitoriosa, a Vida; e, no mesmo lance, saldar o seu ressentimento contra Deus. Também sob este ponto de vista é "Vicente" o símbolo maior, testemunho da *hybris* da criatura que sabe não poder o seu Criador querer aniquilá-la.

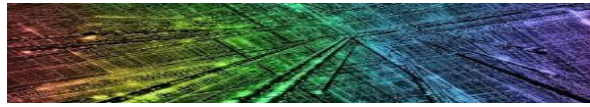
A partir da noção de *esperança da esperança* e seguindo, ainda que com largos excursos, a leitura dos poemas intitulados "Esperança", percebemos a presença de um número restrito de "núcleos poéticos" da esperança torguiana: alguns acabados, redondos e quase perfeitos; outros, talvez os maiores, como esboços ou mistérios.

O primeiro é o *heróico*. Não por acaso, José A. Cardoso Bernardes explorou as dimensões que, em Torga, lhe justificam por inteiro o "processo de espessamento canónico" que o constituiu progressivamente, na opinião pública, como o "escritor da Pátria", o seu "poeta-oficiante".⁷⁰ Porém, na realidade, o núcleo *heróico* dá origem, antes do mais, à formação de figuras sacrificiais de Superego, sobre cuja etiologia nos debruçaremos a seguir. Não foi igualmente em vão que Eduardo Lourenço reiterou Miguel Torga como "herdeiro de toda uma tradição prometaica do

⁶⁸ *Id.*, *op. cit.*, p. 483.

⁶⁹ Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 92.

⁷⁰ Cf. José Augusto Cardoso Bernardes, "Miguel Torga, ano de 2007", *Limite*. Vol. 1. (2007), pp. 83, 89.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

humanismo moderno".⁷¹ Efectivamente, à irreduzibilidade da morte, opõe Torga a irreduzibilidade do sujeito existente.

Uma estratégica e paradoxal hipertrofia do eu está, por exemplo, presente em "Dimensão":⁷² "Não há medida humana que te meça,/ Humana pequenez do meu tamanho!". A ovelha ronhosa é, afinal, na sua singularidade contraditória de instinto e razão, a depositária da existência humana, cujo "mistério transita/ do berço à sepultura/ guardado pela força que o habita". É aquele que, orgulhosamente profano, reza: "Liberdade que estais em mim".⁷³

Todo o herói tem necessidade de inimigos. Esses inimigos são, sobretudo, os "lobos da liberdade alheia":⁷⁴ em nome de "sepultos insepultos", ou de "vivos amortalhados", a luta é pela Liberdade, eterna primavera que diz um não inconformado a Deus, à tirania e, até, à eternidade.⁷⁵ A posição do Poeta é a do telegrafista ou a do soldado sozinho na trincheira, que resiste no seu "terrível poder de recusar".⁷⁶ De recusar, antes do mais, os sentimentos inconfessados, os monstros interiores,⁷⁷ inimigos ainda mais temíveis do que os outros. Exteriorizados, sublimados, talvez porque materializados na reclusão real, os pavores da clausura banham-se de luz, em dois belíssimos poemas escritos na Cadeia do Aljube, em 1940: "Ariane" e "Clareza".⁷⁸

A consciência de si enquanto representante – necessariamente excepcional, porque Poeta - da espécie humana, traduz-se em Torga por um endurecimento da identidade; chega a garantir-se-lhe firmeza, mesmo depois da morte: "Um homem

⁷¹ Cf. Eduardo Lourenço (2005) (ed. cit.), p. 7.

⁷² Cf., Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 612.

⁷³ Cf. *id.*, *ibid.*, p. 817.

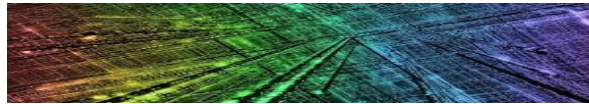
⁷⁴ Cf. *id.*, *ibid.*, p. 577.

⁷⁵ *Id.*, "Flor da Liberdade", *op. cit.*, p. 578.

⁷⁶ *Id.*, "Posição", *op. cit.*, p. 497.

⁷⁷ *Id.*, "Exortação", *op. cit.*, p. 673.

⁷⁸ Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa I*, (ed. cit.), pp. 106 e 107.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

firme/ É firme até no céu!".⁷⁹ Este espessamento identitário vai até à onnipotência autopoietica e à vontade de inscrever, na imortalidade simbólica, os versos tatuados nos materiais com vocação de eternidade.⁸⁰ Imagens da contundência cortante, fálica, quase erótica, depuram-se por vezes na representação da tensão alada de um repuxo de jardim, cujo ímpeto aquoso do desejo morre a espaços, para sempre insistir e se erguer a pino ao céu.⁸¹

Em contraste, o herói poético tem traços de Cristo, por vezes explícitos.⁸² Mas há outros heróis na lírica de Torga, quase todos crísticos e guerreiros e todos, evidentemente, latinos ou ibéricos: Che Guevara, García Lorca, Viriato, O Cid, Nun'Álvares... Como eles, o sujeito poético luta por todos e também por si próprio.⁸³ "Não sei quantos seremos, mas que importa?!".⁸⁴ Nas suas horas militantes, poderia este guerreiro de Torga fazer sua a divisa de Bloch, na sua apologia do "herói vermelho", o herói solidário e anónimo que, sem esperança de ressurreição, subversivamente escolhe sacrificar-se pela liberdade: *morrendo como se a eternidade fosse sua*.⁸⁵

É o famoso poema "Orfeu Rebelde" que congrega, no fundo, os aspectos que até aqui vimos dispersados: os do herói fálico, diferente dos outros, mas "bicho instintivo que adivinha a morte", contra a qual ergue a violência terrestre do seu canto.⁸⁶ Dos mitos masculinos à decantada epopeia telúrica, uma estrutura aglutinadora se manifesta: a das fantasias da solidez e da indestrutibilidade. Aquilo que Eduardo Lourenço definiu, em Torga, como humanismo agressivo, redundante e

⁷⁹ Cf. id. "Depoimento". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 517.

⁸⁰ Cf. id., "Tatuagem", *ibid.*, p. 597.

⁸¹ Cf. id., "Parábola", *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 142.

⁸² Cf. id., "Identificação". *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 575.

⁸³ Id. "Mensagem", *op. cit.*, p. 513.

⁸⁴ Id. "Plateia", *op. cit.*, 636.

⁸⁵ Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, pp. 417-418.

⁸⁶ Cf. Miguel Torga, "Orfeu Rebelde", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 555.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

polémico⁸⁷ - e que, aqui, podemos identificar com uma mitologia virilizante e heróica - absorve-se, afinal, de uma maneira ou de outra, no vasto canto do "espírito da terra".⁸⁸

5.2 A possível presença das leituras de Nietzsche nesta torguiana *fidelidade à terra*⁸⁹ pode ser conjugada com um marxismo *quente*, que prescreve a imortalidade da consciência colectiva, uma espécie de atavismo ou voz do sangue, na qual o indivíduo se pode fundir e eternizar. É a imortalidade possível ao poeta épico, lutador por uma transcendência sem transcendência, por um reino messiânico e livre, sem Messias nem Deus. É de resto, talvez esse o último sentido do pungente, perfeito e último poema da vida de Torga, "Requiem por mim": o do lamento, exemplar na sua sobriedade, de que a morte não possa ser, para ele, essa fusão natural de uma individualidade na totalidade: "Rio feliz a ir de encontro ao mar/ Desaguar,/ E, em largo oceano, eternizar/ O esplendor torrencial de rio".⁹⁰

Nunca saberemos se essa totalidade oceânica e final, a do *outro lado*, deveria ser tingida, em Torga, com as cores prometaicas da sociedade sem classes. A veemência da afirmação identitária quase dispensa o seu motor ideológico, a esperança utópica no *Humanum* futuro.⁹¹ A utopia do reino humano resume-se, afinal, em Torga, à da Liberdade: tão longínqua como uma ressurreição. Mostra-se singularmente ambígua, evanescente, ou difusa, a utopia ateia que esperaríamos: a de uma espécie de Reino de Deus sem Deus, herdeira dos melhores conteúdos do cristianismo,⁹² mas sem ele. Sabe-se que o que se espera, não vem,⁹³ que, entre os milagres do Messias que renova o tempo, é o chão "a única verdade que se

⁸⁷ Cf. Eduardo Lourenço (1987) (ed. cit.), p. 100.

⁸⁸ Cf. Miguel Torga, "Mensagem". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.) p. 513.

⁸⁹ Frederico Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* (2007) [14ª ed.]. e. g., pp.48, 140.

⁹⁰ Cf. Miguel Torga, "Requiem por mim". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 927.

⁹¹ Cf. BORGES, Anselmo, *op. cit.*, p. 405.

⁹² *Id.*, *op. cit.*, p. 404.

⁹³ Cf. *id.*, "Legado". *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 386.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

eterniza";⁹⁴ que, no obsessivo caminho entre o berço e a sepultura, "O que importa é partir, não é chegar";⁹⁵ mas que, como em "Poente",⁹⁶ "há um aceno de fuga e de aventura/ Nos largos horizontes que se alcançam".

Por um lado, como em toda a aventura, o poeta desdenha ou ignora o destino da viagem, concentrando-se na própria viagem: "O destino destina/ Mas o resto é comigo".⁹⁷ E canta fraternalmente, em S. Francisco de Assis, a inspiração que soube ser do chão.⁹⁸ Mas, por outro lado, sabe que o mundo é, apenas, a "Base de onde levanta/ a inquietação,/ Cansada da uniforme rotação/ Do dia-a-dia".⁹⁹ E que a morte se engana a "namorar os dias/ Neste deslumbramento,/ Confiado/ Em não sei que poético advento/ Dum futuro inspirado".¹⁰⁰

Reclamando-se da sua condição de lavrador da poesia, Torga sabe que, para os verdadeiros camponeses, "a (sua) revolução é cósmica, cíclica e solar como a roda do ano".¹⁰¹ A questão, fundamental e estruturante, é mesmo essa: opta-se, em Torga, por um regime epistemológico assente na temporalidade cíclica, em que tudo, sob uma forma ou outra, sempre se repete, sazonalmente, continuamente? Ou, de modo mais ou menos explícito, guarda-se ainda a lembrança de uma escatologia, ou a esperança de um absoluto *novum*? No mito naturalista de Torga, o apelo da escatologia é raríssimo; mas mantém-se, mesmo assim, uma reserva esperançosa, irreduzível e astuta: afinal, "Algum dia há de ser um novo dia,/ Se realmente o tempo se renova" ...¹⁰²

⁹⁴ Id. "Hossana!", *op. cit.*, p. 406.

⁹⁵ Cf. id., "Viagem", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 666.

⁹⁶ Cf. id., *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1527.

⁹⁷ Cf. id., "Prelúdio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 555.

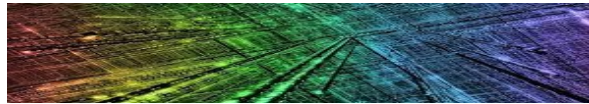
⁹⁸ Cf. id., "A S. Francisco de Assis", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI). (ed. cit.), pp. 851-852.

⁹⁹ Cf. id., "Cântico", *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 584.

¹⁰⁰ Cf. id., "Cordial", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1593.

¹⁰¹ Id., *op. cit.*, p. 1305.

¹⁰² Cf. id., "Profecia", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 607-608.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

O mito telúrico de Torga é, talvez, um movimento até certo ponto inverso e simétrico ao da criação heteronímica: trata-se, não de uma ficção multiplicadora, ou criação mistificante, mas, provavelmente, da escolha de uma resposta que voluntariamente reduz, simplifica, *resolve* um poeta que, em certas horas, diz que não é o que pode parecer, que se procura¹⁰³ e que luta sempre contra si.¹⁰⁴ É, estrategicamente, uma resposta elementar à esperança da esperança, à persistência da espera e da pergunta. Não confessa Torga que Jean Rostand lhe recomendara que interrogasse sem descanso a realidade?¹⁰⁵

O poema "A Vida"¹⁰⁶ resume a aventura: "nunca descrever do chão/ Duro e ruim". E sucedem-se hinos à vida, muitas vezes servindo-se do imaginário erótico, eficaz e naturalisticamente erguido como bandeira terrestre: é o caso de "Ressurreição"¹⁰⁷ ("a seiva assobiava à primavera..."), "Ditirambo"¹⁰⁸ ("Amo a vida, esta bela prostituta"), "Abril"¹⁰⁹ ("Vulvas de toda as cores/ No impudor da primavera"). "Madrigal dos cinquenta anos"¹¹⁰ traduz muito bem esse amor vital, ao modo cortês simultaneamente incondicional e sem esperança, que reencontraremos em "Claro-escuro"¹¹¹: um amor que, depois da morte, ganha doçura.

Uma paradoxal *escatologia do cíclico* pode desenhar-se, assim, em "Claro-Escuro", em "Convite",¹¹² em "Cordial"¹¹³ ou em "Dúvida".¹¹⁴ Os valores matinais – os da madrugada e do início – são, nesta lógica, associáveis aos do Natal, da Páscoa e

¹⁰³ *Id.*, "Procura", *op. cit.*, p. 605.

¹⁰⁴ *Id.* cf. "Câmara escura", "Emparedamento", "Guerra Civil", *op. cit.*, pp. 558, 560, 581.

¹⁰⁵ Cf. *id.*, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1239.

¹⁰⁶ Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), p. 700.

¹⁰⁷ *Id.*, *op. cit.*, p. 609.

¹⁰⁸ *Id.*, *op. cit.*, p. 613.

¹⁰⁹ *Id.*, *op. cit.*, p. 807.

¹¹⁰ *Id.*, *op. cit.*, p. 608.

¹¹¹ *Id.*, *op. cit.*, p. 573.

¹¹² *Id.*, *op. cit.*, p. 675

¹¹³ *Id.*, *op. cit.*, p. 574.

¹¹⁴ *Id.*, *op. cit.*, p. 670.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

da infância.¹¹⁵ De facto, a esperança naturalista identifica a eternidade com a vida da terra, com a renovação quotidiana: "É essa a eternidade:/ a permanente rendição da vida".¹¹⁶ E "quem respira tão fundo o ar do mundo vive em cada instante eternamente".¹¹⁷

Émulo do de Caeiro, no "girassol do mundo"¹¹⁸ do Torga telúrico é flagrante a noção de conjunto e de organicidade. Essa *sensação de universo*¹¹⁹ coerente e coeso, que tem o leitor, ao ler a obra de Torga como um modelo reduzido de mundo, assenta nessa espécie de *gramaticalidade imanente* do olhar, de que nos fala Michel Collot,¹²⁰ capaz de tornar intimamente consonantes os objetos exteriores, associando-os num sistema completo e fechado de relações, que é um mundo em si próprio.

Essa gramaticalidade vive, sobretudo, da estreita identificação (material e moral) entre o eu poético, o seu discurso, e o real. Esta identificação, ou incorporação, ou transubstanciação mística, é patente em inúmeros poemas: refiramos, a título de exemplo, "Comunhão",¹²¹ "Lição",¹²² "Reflexão",¹²³ "Dispersão"¹²⁴ ("perco-me na paisagem"), "Identificação"¹²⁵ ("todo feito de lodo como Adão", "desta terra sou feito..."). Esta é, certamente, uma epopeia da *autopoiesis*, em que o canto poético, como "bafo da terra"¹²⁶ ou fruto natural,¹²⁷ adquire, reciprocamente, todo o natural

¹¹⁵ Cf. *id.*, "Manhã" e "Para a manhã", *Obra Completa. Poesia I* (ed. cit.), pp. 184 e 308; "Manhã" e "Manhã", *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), pp. 794 e 817.

¹¹⁶ *Id.*, "Folhinha", *op. cit.*, p. 572.

¹¹⁷ *Id.*, "Adágio", *op. cit.*, p. 860.

¹¹⁸ *Id.*, "Nirvana", *op. cit.*, p. 525.

¹¹⁹ Cf. Michel Collot, *Paysage et poésie: du romantisme à nos jours* (Paris : José Corti. 2005), p. 217.

¹²⁰ *Id.*, *op. cit.*, p. 214.

¹²¹ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), p. 589.

¹²² *Id.*, *op. cit.*, p. 679.

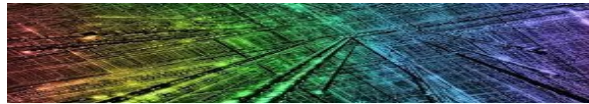
¹²³ *Id.*, *op. cit.*, p. 778.

¹²⁴ *Id.*, *op. cit.*, p. 880.

¹²⁵ *Id.*, *op. cit.*, pp. 872 e 892.

¹²⁶ *Id.*, *op. cit.*, p. 756.

¹²⁷ *Id.*, "Um Poema", *op. cit.*, p. 758.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

poder criador: "as coisas são anãs sem mim".¹²⁸ A referencialidade é, assim quiástica: sentir é, simultaneamente, um estado do sujeito e do objeto, compatibilizando-se exemplarmente a espessura das coisas com a espessura semântica das palavras.¹²⁹ Essa é, de facto, a grande ambição ontológica do poético, a sua maior esperança. Na nostalgia de uma pertença e de uma transparência absoluta, Miguel Torga é construído pela sua obra.

Se a aposta numa redenção pela terra parece, na verdade, magistralmente ganha, não pode, todavia, ignorar-se, na lírica torguiana, a busca de um referente inacessível, um horizonte nunca atingido e para o qual, no entanto, tudo parece tender.

É um fundo insondável, uma secreta mobilidade ou, como em "Poente",¹³⁰ um aceno longínquo, de fuga e de aventura. Esse misterioso e evanescente ponto de fuga pode guardar, como o do mar em "Têmpera",¹³¹ iguais à noite, as metáforas da morte, do inconsciente e da inquietação; e faz regressar logo, prudentemente resignado, o poeta ao seu lirismo terrestre.

Uma *fenomenologia do imperceptível*, intuindo, na parte de invisível que toda a visibilidade comporta,¹³² um coeficiente inapelável de indeterminação, pode contudo instituir, na lírica de Torga, um princípio de abertura. O espaço simbólico da paisagem torguiana contém, por vezes, como já em outra ocasião assinalei,¹³³ zonas que escapam às regras da decifração, zonas aéreas, franjadas, como o "nirvana azul"¹³⁴ do português, cuja densidade aromática o satura de luz sedativa, feitiço ou profecia. Na ultrapassagem do sensível, insinua-se, de quando em quando, esse

¹²⁸ *Id.*, "Súplica", *op. cit.*, p. 515.

¹²⁹ Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 211.

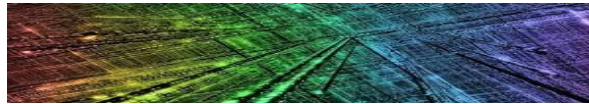
¹³⁰ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1527.

¹³¹ Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 527.

¹³² Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 23.

¹³³ Cf. Ana Luísa Vilela, *op. cit.*

¹³⁴ Cf. Miguel Torga, "Auto-retrato português", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 785-786.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

espectral *nó de ausência* que habita toda a presença,¹³⁵ de cuja obscuridade irreduzível o poeta se faz intérprete, ou espectador.

E é aqui precisamente, creio, que se revela a mais rica, a mais profunda e a mais misteriosa face da esperança na lírica de Torga. Nela, a representação da experiência estética e do trabalho poético têm a mesma origem, as mesmas formas e o mesmo *ethos* da esperança, obedecendo, como ela, aos momentos essenciais do desejo, do apelo, da espera e da errância.¹³⁶ A simbólica da *espera* é correlativa da simbólica da *esperança*.

Se o poema aspira, em Torga, ao lirismo enfeitiçante da matéria, à fusão transparente entre o real e o sentido, este *sentido* é sempre propriamente *direção* e *busca*: a aparição do poema alimenta-se da encenação da sua espera. A experiência estética compreende quase sempre o enquadramento cénico (e pragmático) dessa *cena da espera*, cujo dispositivo, associado também, por vezes, ao do parto, é traçado em muitos poemas – veja-se, por exemplo, "Expectação"¹³⁷ ou "Esperança".¹³⁸ Por vezes "contagiado"¹³⁹ pela alvorada (de que toma, também, a imagem do canto do galo)¹⁴⁰, o poema é, em si próprio, representado como um nascimento ou uma ressurreição, um novo dia luminoso e eterno, "Miraculosamente amanhecido/ Nas sílabas de um verso enfeitiçado,/ A ressoar, medido e desmedido,/ na concha do ouvido/ Deslumbrado".¹⁴¹ E, se é próprio do poeta ter "o dom de criar a claridade",¹⁴² o próprio canto, mesmo triste, é uma promessa.¹⁴³

¹³⁵ Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 27, 31, 34.

¹³⁶ *Id.*, *op. cit.*, p. 157.

¹³⁷ Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 814-815.

¹³⁸ Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1562.

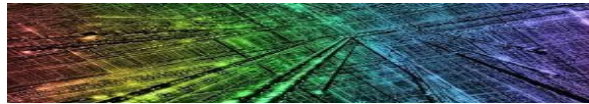
¹³⁹ Cf. *id.*, "Contágio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 452.

¹⁴⁰ Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1562 e "Alvorada", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 826.

¹⁴¹ *Id.*, *op. cit.*, p. 814.

¹⁴² *Id.*, "Estertor", *op. cit.*, p. 826.

¹⁴³ *Id.*, "Esperança", *op. cit.*, 827. Cf. também "Arte Poética", *op. cit.*, p. 865.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Nesta epifania da esperança estão, pois, conglobadas as isotopias metapoética e redentora; a elas deve acrescentar-se a isotopia erótica que, de tão indiscernivelmente intrincada nas outras, delas se não distingue por vezes. O apelo, a ausência, a espera, são sempre figuras de uma cena inevitavelmente erótica, em que a tensão da ausência e da espera sempre se dirige e se ergue para uma figura feminina. Atente-se, por exemplo, em poemas como "Poesia",¹⁴⁴ "Musa Ausente",¹⁴⁵ "Oferenda",¹⁴⁶ "Mar Matinal"¹⁴⁷, ou nos dois poemas intitulados "Esperança"¹⁴⁸ (respetivamente de 1944 e de 1962). Veja-se aquele nome, aquele anjo, aquela juventude, aquele apelo, aquele lume, aquele incêndio, aquele grito – e diga-se se falam de amor, se de poesia. E distinga-se, se se puder, o vocabulário do poeta do do amante, em "Anunciação":¹⁴⁹ "Adivinho os teus passos no silêncio,/ Cautos sinais de luz que se aproxima./ Pára-me o coração. Vem ao de cima/ O lodo que se quer justificar./ Nascem versos, então, no meu desejo./ Mas gasto a inspiração, acabo de cantar,/ E não te vejo".

Se a Natureza inspira a Torga um "Orgasmo",¹⁵⁰ a presença fulminante da Poesia inscreve-se como um fulgor, uma chispa, um transe, uma alucinação, um movimento arqueado, elegante e súbito; a esse movimento dá Torga o nome de "salto" – um "salto de corça",¹⁵¹ ou de gazela.¹⁵² Curiosamente, Kierkegaard¹⁵³ descrevia justamente a adoção da esperança como um salto, um salto no escuro – na esperança que Deus suspenda a faca de Abraão sobre Isaac ou, em Torga, que Deus

¹⁴⁴ *Id., op. cit.*, p. 689.

¹⁴⁵ *Id., op. cit.*, p. 692.

¹⁴⁶ *Id., op. cit.*, p. 899.

¹⁴⁷ *Id., op. cit.*, p. 870.

¹⁴⁸ Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 203; cf. também "Esperança", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 637.

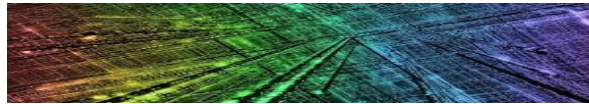
¹⁴⁹ *Id., op. cit.*, p. 531.

¹⁵⁰ Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 424.

¹⁵¹ *Id., op. cit.*, p. 463.

¹⁵² *Id., op. cit.*, p. 473.

¹⁵³ Sören Kierkegaard, *Diário de um Sedutor* (São Paulo: Martin Claret, 2002).



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

poupe a ousadia do alto voo de Vicente... De uma forma ou de outra, trata-se de um "êxtase", de uma "hora desmedida",¹⁵⁴ capaz de suspender a temporalidade: nos momentos em que faz poemas, o homem "paira no tempo como o pó suspenso";¹⁵⁵ ou corre como um rio, desabrido e violento.¹⁵⁶

Ligada ao mistério da presença, participante do "círculo fundacional do eu",¹⁵⁷ a esperança compõe, com o Eros e a experiência criativa, o núcleo mais irreduzível da poética torguiana. A esperança, avesso do medo, está, na poética de Miguel Torga, ancorada à própria pulsão lírica. Podemos talvez dizer que ela é, nesta poética, um *mitema*¹⁵⁸ fundador. Uma resposta à morte. Como o poeta notou, a âncora,¹⁵⁹ símbolo cristão da esperança,¹⁶⁰ continua a tutelar a praça açoriana, testemunhando e desmentindo o gesto suicida de Antero. Cumpramos, pois, um lúcido desígnio de Torga, expresso no poema "Esperança", de 1968.¹⁶¹ Que seja essa mesma a última palavra deste texto: *ESPERANÇA*.

NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Ana Luísa Vilela é Professora Associada do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora e membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa (FLUC), onde integra os projectos da *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós* e do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. É ainda colaboradora do CEL-UÉ e do CIDEHUS. É doutorada em Literatura Portuguesa, na Universidade de Évora, com uma tese sobre *Os*

¹⁵⁴ Cf. Miguel Torga, "Exame", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 569.

¹⁵⁵ *Id.*, "Transe", *op. cit.*, p. 545.

¹⁵⁶ *Id.*, "Caudal", *op. cit.*, p. 758.

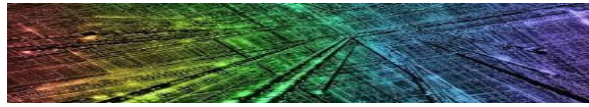
¹⁵⁷ José Antunes de Sousa, *op. cit.*, p. 6.

¹⁵⁸ Um *mitema* constitui, segundo Gilbert Durand, a mais pequena unidade significativa de conteúdo mítico (cf. Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 67). Possíveis mitemas de Torga: o mito geográfico-cultural (que Durand inclui nos mitemas de Portugal); a vocação nostálgica do impossível; a esperança de um encontro com o princípio da transcendência; a peregrinação; a duplicidade gemelar, com as suas fantasias acerca do duplo divino; o franciscanismo e a ascese operativa; a via terrestre, a transubstanciação; o do reino maravilhoso, do país feliz, da Idade do Ouro. Mas Torga desdenharia certamente toda esta "metafísica de caixa alta". Cf. Miguel Torga, *Diário VI* (Coimbra: Ed. do Autor, 1978) [3ª ed.], p. 142.

¹⁵⁹ Cf. Miguel Torga, "A Âncora". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 905.

¹⁶⁰ S. Paulo (He 6, 18:20): "A esperança de salvação é a âncora da alma".

¹⁶¹ Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 400.



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Maias, de Eça de Queirós, orientada pelo Prof. Doutor Carlos Reis. Fez mestrado em Literatura Comparada Portuguesa-Francesa (sécs. XIX e XX), pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, com uma dissertação sobre Ramalho Ortigão, orientada pelo Prof. Álvaro Manuel Machado. Tem publicado nas áreas dos estudos queirosianos e da literatura portuguesa contemporânea (Torga, Sophia, Florbela Espanca, Ramalho Ortigão). Algumas das suas publicações mais recentes são: *100 anos do Livro de Mágoas. Releituras da Obra de Florbela Espanca* (ed., com M^a Lúcia Dal Farra, Fabio M. da Silva e Rosa Fina). Natal: Sol Negro, 2021; *No ardor dos livros. Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra*. Natal: Sol Negro, 2021; *Alguns Poemas. Maria Lúcia Dal Farra* (org., sel. e introd., com Fabio M. da Silva). Viseu: Edições Esgotadas, 2019; "Diez buenos motivos para leer *Las Minas de Salomón*". Introdução a Eça de Queirós, *Las Minas de Salomón*. Madrid: La Umbria y La Solana, 2018; *Erótica Verbal. Ensaios Queirosianos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2017; *Florbela Espanca. Manuscritos fac-simile* (transcr. e introd., com Maria Lúcia Dal Farra). Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2017 e *Poética do Corpo. Imaginário e representação física n'Os Maias, de Eça de Queirós*. Lisboa: Cosmos, 2012.

RESUMO

Entre o poema "Esperança", escrito por Torga em 1944 (em *Libertação*) e o poema "Esperança", de 1986 (no *Diário*), decorrem quarenta e dois anos de poesia. Outros mais poemas com o mesmo título e, sobretudo, muitos mais com o mesmo tema pontuam o lirismo do autor. Em Torga (caracterizado, simultaneamente, como representante do "desespero humanista e "criatura de esperança") - o motivo da esperança é contraditório e problemático, mas dominante, perpassando por toda a obra do autor. A partir de cinco poemas, todos eles intitulados "Esperança", e de outras cinco dezenas de composições que, com outro título, desenvolvem e problematizam o mesmo veio temático ao longo do percurso literário de Miguel Torga – procurarei, neste trabalho, identificar algumas das extensões, intersecções e implicações de um motivo que me parece configurar, em Torga, um núcleo poético elementar. Por um lado, cumprirá assinalar as directas ligações do motivo da esperança ao imaginário da *morte da morte*, ao canto da vitória da vida, tecida na sucessividade natural de uma temporalidade cíclica, assente na continuidade da Natureza – na "permanente renição da vida". Por outro lado, observar-se-á, associada a este, a valorização, intermitente mas constante, de um imaginário crístico, alimentado pelas figuras do mártir - o poeta, o revolucionário, o santo – de uma forma ou de outra sempre "ressuscitado", erecto na sua humildade, no seu esforço e no seu sacrifício. Finalmente, haverá que ter em conta a sóbria, mas permanente, erotização da vida, "esta bela prostituta" – ou a eterna Natureza, que renasce, insolente, em cada manhã de seiva e na fome incontida de viver.

PALAVRAS-CHAVE



A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

**ANA LUÍSA VILELA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Miguel Torga; Poesia; Esperança

ABSTRACT

Between the poem "Esperança", written by Torga in 1944 (in *Libertação*) and the poem "Esperança", from 1986 (in the *Diário*), forty-two years of poetry elapse. Other poems with the same title and, above all, many more with the same theme punctuate the author's poetics. In Torga's work (characterized, simultaneously, as a representative of "humanist despair and "creature of hope") - the theme of the hope is contradictory and problematic, but dominant, permeating throughout the author's work. From five poems, all of them entitled "Esperança", and another five dozen compositions that, under another title, develop and problematize the same thematic vein throughout Miguel Torga's literary career – I will seek, in this work, to identify some of the extensions, intersections and implications of a motif that seems to me to configure, in Torga, an elementary poetic nucleus. On the one hand, it will be necessary to point out the direct links between the motive of hope and the imaginary of the *death of death*, the victory of life, woven in the natural succession of a cyclical temporality, based on the continuity of Nature – on the "permanent surrender of life". On the other hand, it will be observed, associated with this, the intermittent but constant valorization of a Christic imaginary, fed by the figures of the martyr - the poet, the revolutionary, the saint - in one way or another always "risen", upright in his humility, in his effort and in his sacrifice. Finally, we must consider the sober, but permanent, eroticization of life, "this beautiful prostitute" – or the eternal Nature, which is reborn, insolent, in each morning of sap and in the unrestrained hunger to live.

KEYWORDS

Miguel Torga; Poetry; Hope.